

# A teorização no ensino de jornalismo: o sentido da complexidade como orientador da formação

Jorge Arlan de Oliveira Pereira<sup>1</sup>

## RESUMO

A abertura para o conhecimento complexo, advindo da sensibilidade e do método para se perceber e compreender a diversidade de fatores que constituem um fato deve ser um diferencial do jornalismo. O respectivo ensino superior tem se afastado em muitas oportunidades dessa ideia, embora, retoricamente, afirme o contrário. Assim, deixa de apresentar uma necessária resistência à tendência que os estudantes demonstram de reproduzirem/copiarem elementos teóricos, no pressuposto de que isso constituiria o ato de pensar, em razão da cultura fragmentária em que vivem e de certo encantamento pelas tecnologias da comunicação. No presente artigo, enfoca-se uma experiência de ensino de Teorias do Jornalismo sustentada na produção de artigos pelos acadêmicos. Os seguintes pontos orientaram as produções: a) Estudos desenvolvidos na disciplina sobre textos, contendo conceitos relevantes para o jornalismo; b) Aspectos observados na realidade comunicacional próxima e que provocam no acadêmico algum tipo de questionamento; c) Compreensões e/ou impressões que o acadêmico possui da realidade observada. Trata-se de um exercício de estranhamento do lugar com o qual ele está acostumado a se deparar. Entra em jogo, na perspectiva de Paulo Freire, a competência que se precisa ter para problematizar as situações que nos rodeiam.

---

<sup>1</sup> Jornalista/professor, graduado na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

**Palavras-chave:** Ensino. Jornalismo. Teorização. Problematização. Complexidade.

## Introdução

A segunda década do século XXI começa num cenário de plena instauração da cultura da tecnologia, em que o mundo incorporou o conhecimento tecnológico e seus aparatos como parte de sua natureza. O novo ambiente “naturalizado” determina comportamentos individuais e relações sociais, atribuindo a estes características muito diferentes das verificadas em outros momentos da história. E tudo demonstra que chegou de modo irreversível. A comunicação se altera com o acesso multiplicado do público a produções culturais. A velocidade da notícia contrasta com o tempo lento dos processos comunicativos anteriores, associados à reflexão. O jornalismo se deparou com duas realidades para revelar, a direta e a mediada. A primeira decorre da ação do jornalista de ir ao encontro das informações e a segunda do que lhe chega pelas mídias. A capacidade de intervenção dos novos indivíduos midiáticos sugere um jornalismo sem a mediação do jornalista. O campo do jornalismo não é mais identificado tão facilmente e a formação jornalística, no ensino superior, é solicitada a dar respostas nessa complexidade.

A comunicação se tornou vocábulo comum nos mais

diversos segmentos da sociedade, apontada sempre como processo fundamental para viabilizar a convivência dos indivíduos e a funcionalidade das organizações. A expansão acelerada das tecnologias do setor nas últimas décadas confere aval à afirmação de que vivemos na “Era da Informação”, ambiente de conexões múltiplas, marcado pela quantidade e velocidade de transferência de dados. A onipresença da comunicação no centro de tantas relações é causa principal da dispersão dos estudos que buscam defini-la conceitualmente. São recorrentes os embates acadêmicos sobre a natureza científica desse corpo multiforme do qual é constituída.

As vertentes dos estudos comunicacionais são identificadas em áreas do conhecimento como matemática, física, química, biologia, cibernética, sociologia, filosofia, história, psicologia, linguística e artes. As teorias da comunicação conhecidas refletem o esforço de cada um desses lugares para compreenderem e explicarem os processos que lhes interessavam, nos quais o observado foi o percurso de uma mensagem entre um emissor e um receptor. Esse percurso pode ser entendido como o ponto compartilhado e original que dá vazão aos desdobramentos posteriores.

Apesar da abrangência dos seus elementos formadores, a comunicação parece ter alcançado o status de área própria do conhecimento, visto que suas implicações na sociedade não podem mais ser respondidas separadamen-

te pelas áreas que lhe deram origem. O reconhecimento não afastou por completo o sentido de amplitude e de dispersão. O objeto de estudo que daí resulta se subdivide em aspectos bem diferenciados: profissionais, produção, suportes, processos, formatos, conteúdos, gêneros, tecnologia, negócios, política, cultura, ensino, linguagem, público, etc. Sem objeto de estudo bem constituído, a área carece de definição epistemológica, e não obtém o status de ciência, condição reivindicada por determinadas correntes de estudiosos e inteiramente rechaçada por outras. A divergência pode ser remetida à fase original, ou seja, à natureza diversa da comunicação.

Os estudos da comunicação buscam um modelo teórico, mas as dificuldades para constituí-lo começam exatamente pelo conceito. Enquanto determinadas correntes tomam a comunicação em todas as suas expressões, nas relações do homem com a natureza, com os outros e consigo mesmo, outras linhas de estudiosos propõem delimitar a comunicação, na perspectiva científica, a partir da consolidação dos meios de massa. “Com efeito, diferente de outros elementos igualmente constantes na problemática, os meios de comunicação constituem o fator que melhor pode caracterizar o objeto dos estudos em comunicação” (MARTINO, 2001, p. 37).

Em contraposição, são contestados os aparatos tecnológicos nos quais a comunicação moderna se sustenta e busca cumprir o papel de unificadora social, em lugar de

Deus, da história ou de valores simbólicos como Igualdade, Nação e Liberdade. “Como uma nova teologia, a dos tempos modernos, fruto da confusão dos valores e das fragmentações impostas pelas tecnologias, ela se impõe no momento em que estes já se encontram enfraquecidos” (SFEZ, 1994, p. 21). O ambiente da comunicação moderna, noutra leitura, é compreendido como espaço de disputa. “As transformações realmente significativas para os seres humanos virão quando eles começarem a intervir conscientemente no desenho e no uso da tecnologia” (RUDIGER, 2007, p. 134).

A comunicação é vista também como a ciência que melhor reflete as contradições, desafios e potenciais do mundo de hoje, ligada aos modos de pensar inovadores. “Neste sentido, as descobertas das novas tendências científicas. A incerteza, o caos, a incompletude, o fractal, os pressupostos da comunicação a legitimam como ciência pioneira da nova ordem” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 145-146). São entendimentos que reforçam as teses de Marshall McLuhan de dar centralidade aos meios como definidores da cultura da comunicação. Ele diz que o meio é a mensagem. “Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio [...] constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos” (McLUHAN, 1993, p. 21).

A teoria da Construção Social da Realidade vem dar relevo à condição que o homem tem de intervir no mundo

e de determinar as transformações culturais. Em termos de comunicação, significa dizer que ele é capaz de fazer as escolhas que desenham o mundo simbolicamente. São interpretações e percepções humanas estabelecendo uma imagem da realidade para ser incorporada ao convívio social. “Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo” (BERGUES; LUCKMANN, 2010, p. 233).

A amplitude das posições referidas acima, delimitando a cultura e a comunicação em parâmetros que discutem a relação/domínio entre o homem e a tecnologia, sofre a oposição de quem questiona a validade dos respectivos conceitos para os dias de hoje. Boaventura de Sousa Santos (2007) considera necessário renovar o pensamento, inclusive os fundamentos da própria Teoria Crítica. Propõe reinventar as possibilidades emancipatórias que havia nesse conhecimento emancipador. “Temos que mudar essa utopia conservadora para uma utopia crítica, porque também as utopias críticas da modernidade - como o socialismo centralizado, se converteram, com o tempo, numa utopia conservadora” (SOUZA SANTOS, 2007, p. 54). A comunicação pode ser vista ainda como fenômeno humano, primeiramente, e depois como fenômeno cultural. “Isso possibilita também a compreensão do fenômeno da produção e recepção de mensagens como um modo cultural, para que



se possa interrogar os seus sentidos e significados” (PERUZZOLO, 2006, p. 169).

As teses de fundo mencionadas demarcam e motivam debates em torno do caráter da comunicação, na busca de defini-la epistemologicamente, legitimando ou não a sua condição de ciência. Atravessam as mais diferentes teorias, sejam elas as analíticas, as pragmáticas, as interpretativas, as críticas, organizadas a partir de diferentes escolas de pensamento.

A simplicidade da comunicação, ao se fazer presente no cotidiano de todos, gera um complexo espaço de estudo. Percebê-la, descrevê-la e confrontá-la conceitualmente é resposta que se dá, em última instância, no plano teórico. Dentre as manifestações na área da comunicação, situamos a atividade jornalística como campo ou gênero de conhecimento. Enfrentando os mesmos dilemas da área, apesar de suas particularidades, identificamos um conjunto de estudos interessados em afirmar uma(s) teoria(s) do jornalismo.

A pretensa concepção científica do jornalismo se depara com os mesmos entraves da afirmação da comunicação como ciência. De modo geral, são bem aceitas as compreensões de que o jornalismo possui de fato um método de busca, organização e produção de informações sob determinados formatos, assim como sua divulgação em variados suportes midiáticos. Essa mesma convergência não acontece quando são observados os aspectos conceituais

constitutivos do jornalismo, ou seja, os referentes às definições de verdade, objetividade, subjetividade, linguagem, opinião pública, democracia ou ética. Embora o jornalismo possua especificidades, as discussões amplas a respeito das teorias da comunicação orientam seus encaminhamentos conceituais. As transformações tecnológicas, suas implicações na comunicação na cultura, num ambiente novo de cibercultura, forçam o jornalismo a se repensar.

Não é propósito do presente artigo enumerar e historicizar as teorias da comunicação, nem, no interior delas, situar metodicamente as teorias relacionadas ao jornalismo. Propomo-nos somente a registrar uma experiência curricular na disciplina de Teorias do Jornalismo, inserida na matriz de um curso superior<sup>2</sup>, na perspectiva de dialogar com o seu encaminhamento metodológico. As referências feitas aos movimentos intrincados de elaboração das teorias da comunicação pretendem chamar a atenção para o caráter complexo do estatuto do jornalismo. Ao se admitir esse caráter, não há como não se pensar nos seus reflexos no ensino superior de jornalismo, ao considerarmos a indissociabilidade que deveria existir entre a formação acadêmica e o exercício da profissão.

A metodologia se baseou na exposição que o professor realizou de estudos contendo teses centrais do jorna-

<sup>2</sup> Disciplina de Teorias do Jornalismo, do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ, ministrada por mim no período 2005-2010.



lismo, com a correspondente leitura prévia de textos pelos estudantes. Após um conjunto de textos e de exposições, os acadêmicos eram provocados a elaborar um artigo a partir do que foi apresentado e debatido em sala. As regras estabeleciam que o processo deveria ser progressivo, tendo como ponto inicial e indispensável a constituição de um problema, gerador das interrogações e consequentes buscas de respostas. Ninguém poderia partir direto para a produção do corpo do artigo. Deveria demonstrar antes as razões do seu nascedouro, ato que subentendia a interpretação cuidadosa dos autores estudados e, além disso, a definição de um aspecto do jornalismo local/regional para ser janela de observação empírica.

Vamos comentar, na sequência, determinadas passagens da disciplina, na medida em que elas nos proporcionam questões para se pensar no papel que a disciplina de Teorias do Jornalismo poderia desempenhar num curso. Relacionamos o processo com proposições do educador Paulo Freire, tanto para discutir a lógica interna da própria disciplina como para remetê-las às preocupações teóricas e práticas que rondam o campo do jornalismo. Nessa trajetória, existe a intenção permanente de saber como estamos tratando o sentido de complexidade nos cursos de jornalismo.

## **Na perspectiva de Paulo Freire**

A disciplina de Teorias do Jornalismo, na forma proposta, representa o desafio de teorizar a prática, ou de se perceber ao menos os conceitos embutidos nessa realidade próxima. Os acadêmicos de jornalismo são solicitados a pensar sobre o fazer jornalístico, seja o já estabelecido pelas diferentes mídias, no plano local, regional, seja o que se abre como novas perspectivas. As mídias estadual, nacional e até internacional também podiam ser abordadas, desde que estabelecidos os nexos com o âmbito local. É importante assinalar que se constitui num espaço de estudo que incorpora os conhecimentos das demais disciplinas do curso.

Sua estrutura, perceptível na ementa<sup>3</sup>, é flexível e se encaminha para dimensionar mais os processos do que pontos temáticos específicos. Pretende estimular reflexões sobre os conceitos e as práticas do jornalismo, a fim de que os acadêmicos estejam em condições de compreender as teorias existentes e de acompanhar/participar no desenvolvimento de novos estudos jornalísticos. Os conteúdos igualmente dispunham de movimentos razoavelmente livres, podendo variar de uma edição para outra. A sua composição em 2010 foi a seguinte: a atualidade como valor jornalístico; a interatividade no jornalismo; o significado da linguagem jornalística; formação jornalística e ceticismo; os dilemas

---

<sup>3</sup> Ementa - Reflexão sobre a constituição do campo do jornalismo. Análise, informação, compreensão, experimentação. Dimensões teóricas e práticas da atividade jornalística. Conhecimento, prática social e técnica do jornalismo. As contribuições das diversas disciplinas e abordagens para o campo teórico do jornalismo.

do ensino do jornalismo; objetividade x subjetividade na ação jornalística; o jornalismo como quarto poder; o jornalismo e a liberdade de expressão; o campo jornalístico na perspectiva de Bourdieu; a produção de sentido no jornalismo; o jornalismo e a esfera pública midiática. Havia a preocupação de fomentar a disciplina com estudos recentes, publicados em anais de congressos da área. Esperava-se ainda que as lacunas temáticas pudessem ser supridas por outras disciplinas do curso, que também oferecem conceitos da comunicação/jornalismo como Fundamentos do Jornalismo, Webjornalismo, Teorias da Comunicação, Comunicação Comunitária, entre outras.

Os estudantes produziam individualmente dois artigos por semestre, tendo cada artigo uma primeira e uma segunda versão. A opção pelo trabalho individual se deve à necessidade de o acadêmico, ao menos em determinados momentos, assumir integralmente a condução do processo. Trata-se de um exercício de autonomia. Como dissemos, o ponto gerador deveria ser o problema de estudo, definição normalmente árdua, de idas e vindas. Para elaborá-lo, o estudante precisaria aprofundar e detalhar a leitura de dois ou três textos e, a partir do que percebesse na combinação das teses ali contidas, formular questões a serem observadas em objetos empíricos.

Nessa experiência, percebemos que a delimitação do número de textos e a condição de elaborar primeiro o pro-

blema deixou a maioria dos estudantes incomodada. Preferiam a liberdade de consultar tantas obras quantas considerassem conveniente, estabelecendo logo a temática central, e se dedicando em seguida à redação. Verifica-se normalmente nessas situações inteira falta de reflexão, com a tendência do texto se constituir numa autêntica montagem, feita de recortes das diversas obras consultadas. Não estamos nos referindo a atos de desonestidades do estudante, na intenção de fraudar o exercício, mas de uma cultura, muito acentuada com os recursos da internet, de reproduzir pensamentos prontos, sem discuti-los ou dialogar com eles. Para a formação jornalística não se trata de uma falha qualquer, pois recai no cerne da profissão, comprometida em observar, interpretar e construir uma representação dos fatos.

O aprendizado foi de professor e alunos, porque encontrar um modo de superar esse impasse cultural requer gestos persistentes de abertura de ambas as partes. Paulo Freire nos diz que “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto” (1982, p. 66). E que seria na comunicação dos sujeitos que se dá o ato de pensar, mas que o conteúdo da comunicação não pode ser apenas um comunicado de um sujeito a outro. Podemos dizer, nesse sentido, que o ato de comunicar implica numa reflexão prévia do sujeito para levar ao outro suas impressões do mundo e, assim, despertar no outro novos sentidos

e significados. O jornalista trata constantemente no seu cotidiano com o ato da mediação, que pressupõe comunicação nas duas pontas, ou seja, no lugar onde buscou informações e para onde encaminha sua mensagem.

Nas seis edições da disciplina Teorias do Jornalismo, verificamos, de modo geral, um crescimento importante na competência dos estudantes de produzirem um texto com a marca de sua autoria. Percebe-se neles um elevado nível de satisfação ao fazerem a travessia do problema ao texto. Passam a ter confiança maior em si mesmo, porém, mantém certa modéstia e até humildade, por se darem conta igualmente de suas limitações. “Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é na inconclusão dos homens e na consciência que dela tem. Daí que seja a educação um quefazer permanente” (FREIRE, 2005, p. 84). Pensamos que essa consciência da inconclusão, se mais presente nos processos pedagógicos, faria bem para a formação acadêmica, uma vez que até as realidades que irão representar nas notícias se apresentam em quadros incompletos, portanto também inconclusas. São homens e objetos inacabados.

Escrever sobre um tema não se limita ao ato de descrever ou narrar, pressupõe a apreensão do essencial no objeto observado. “Ao apreendê-lo, como fenômeno dando-se na realidade concreta, que mediatiza os homens, quem escreve tem de assumir frente a ele uma atitude gnosiológica”

(FREIRE, 1982, p. 96). As reportagens podem ser entendidas como um texto que solicita tal requisito. O leitor diante delas não poderia, da mesma forma, adotar atitude passiva, devendo incorporar no ato da leitura um conhecimento crítico do mundo. “Os que lêem, por sua vez, assumindo a mesma atitude, tem de refazer o esforço gnosiológico anteriormente feito por quem escreveu” (IDEM).

O pensamento de Paulo Freire se embasa fortemente no conceito de práxis, pelo qual teoria e prática interagem de forma constante, e nesse processo o homem (re)pensa a si e ao mundo, o que resulta em ação refletida para transformar a realidade. A ação jornalística, ao ir e retornar à realidade, no acompanhamento dos fatos, num permanente repensar dos acontecimentos, carrega por natureza o sentido da práxis:

Mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se, [...], nem ao verbalismo, nem ao ativismo (FREIRE, 2005, p. 141-142).

As teorias do jornalismo, como parte do movimento maior de constituição das teorias da comunicação, são repensadas para oferecer um *quefazer* que possa tratar com as complexidades do mundo de hoje. Meditsch interpreta



bem o pensamento de Paulo Freire, na crítica de que a produção teórica nacional é, em grande parte, colonizada. Que nossos problemas são pensados com instrumentos e metodologias de outras realidades e com outras perspectivas. As universidades estariam invertendo o verdadeiro método de conhecimento. “Ao invés de partir dos problemas da prática para buscar respostas na teoria e devolver soluções à prática, parte da teoria, quando muito faz uma visita empírica à prática e volta a se refugiar na teoria” (MEDITSCH, 2007, p. 51). As grandes transformações da área da comunicação, em decorrência principalmente das modernas tecnologias, criam situações novas a serem compreendidas para, à luz dessa compreensão, reafirmar ou rever os princípios que sustentam o discurso jornalístico.

## **Fundamentos vistos no processo**

Na produção dos artigos da disciplina de Teorias do Jornalismo, por consequência dos textos/autores estudados e dos objetos empíricos abordados, vieram à tona fundamentos da proposta conceitual do jornalismo. Refletindo suas experiências educacionais ao longo dos anos, muito identificada com uma cultura que se encontra disseminada na sociedade, os estudantes demonstraram seguidamente dificuldade de situar seu problema/objeto no contexto. Em razão disso, muitos contrapontos não foram estabelecidos. Forma-se um quadro de fragmentação do pensamento, pelo

qual pontos importantes para a compreensão do todo, não são interligados. Adelmo Genro nos fala da riqueza da singularidade do fato, passível de ser expresso no *lead*, capaz de nos remeter à particularidade do respectivo fenômeno e nos insinuar sua universalidade. “É na face aguda do singular e nas feições pálidas do particular que o universal se mostra como alusões e imagens que se dissolvem antes de se formarem” (GENRO FILHO, p. 140).

Muito já se disse que o jornalista é um especialista em generalidades, porém seria mais adequado afirmar que sua formação solicita uma cultura geral sólida, que lhe permita compreender o núcleo lógico de um conjunto de assuntos determinantes da vida das pessoas em sociedade. O método de investigação jornalístico, incluindo técnicas de produção da notícia, não pode levar ao tecnicismo, pois a visão obtusa decorrente impede de se ver as relações. O resultado é a fragmentação, no sentido do isolamento puro e simples. O fragmento (singular) deveria levar à particularidade e à universalidade do fenômeno. A cultura geral proporciona elementos indispensáveis para se compreender a complexidade dos acontecimentos. No dizer de Jayme Paviani, “não significa ‘saber tudo’, mas possibilidade de compreensão da época em que vivemos e a compreensão de nós mesmos e dos outros. É a educação da sensibilidade e da inteligência, formação da vontade e da capacidade de decidir” (PAVIANI, 2008, p. 123).

O senso comum se mostrou presente em diversos momentos de busca e de análise das informações pelos acadêmicos. O conhecimento do objeto estudado era restrito e a interrogação deste não ultrapassava certas generalidades ou reproduzia questionamentos de estudos de outros, feitos em realidades midiáticas bem diferenciadas. Uma das situações que mais marcou a tendência de seguir o já estabelecido foi a definição do problema e do objeto do artigo. Foram propostas análises de cobertura jornalística de crimes de grande repercussão nacional em que pais mataram filha (criança) e filha encomendou a morte dos próprios pais. Como as análises dessas coberturas foram intensas em sites de comunicação, nos jornais impressos, nas rádios e dentro das próprias emissoras de televisão, seria muito difícil fugir das avaliações publicadas e promover acréscimos. Mais desafiador seria descobrir fatos locais/regionais relevantes, sem a visibilidade daqueles fatos nacionais, para interrogá-los empírica e conceitualmente, e perceber seu valor social e comunicacional nessa realidade próxima.

A atividade jornalística trata diariamente com o senso comum ao se deparar com os fatos e com as versões que as fontes lhe dão a respeito deles. De certa forma, o senso comum é matéria-prima do jornalismo, fundamental para a elaboração das notícias, pois compõe o cenário do real. A questão colocada é de como se pode superar as incongruências que fragilizam a divulgação dos fatos, vendo

além das aparências. Não se pode deixar de reconhecer que o senso comum também faz a vida e os fatos e, assim, se constitui em objeto legítimo de divulgação. A maior qualidade das informações jornalísticas poderia qualificar o senso comum.

Nesse sentido, Sylvia Moretzsohn propõe a notícia como “clinamen”:

[...] tomar o jornalismo na complexidade de sua relação com o senso comum na perspectiva de transformá-lo exige a ruptura com os pressupostos com os quais a grande imprensa trabalha, e não uma pura e simples troca de sinais. Exige a aceitação da dúvida como componente do trabalho jornalístico, no sentido de promover uma abertura do fato para a manifestação – ambígua, contraditória, conflituosa – do público, constituindo um daqueles “momentos catárticos” de que falava Gramsci (MORETZSOHN, 2003, p. 9-10).

O espaço de tempo relativamente curto para a produção do artigo não propiciava condições adequadas para pesquisas de recepção, pelas quais pudessem ser aferidas as influências de determinadas notícias junto ao público. Muita curiosidade, porém, os alunos da disciplina de Teorias do Jornalismo manifestaram a esse respeito, sendo motivo de discussões em sala. A impressão predominante é de que os grandes meios de comunicação, com peso bem maior à televisão, tentam moldar gostos, costumes e ditar modas, e em momentos políticos decisivos, como nas eleições presi-

denciais, constroem uma imagem positiva de seu candidato preferencial, assim como, nas entrelinhas, uma imagem negativa do adversário, na expectativa de conduzir o voto do eleitor. Apesar da força dessa mídia, os estudantes não acreditam que ela teria poder para determinar o resultado da eleição.

A teoria que referenciou os debates a respeito dessa condição dos meios influenciarem na opinião do público foi a da Agenda Setting. Maxwell McCombs, um dos fundadores da tradição de pesquisa sobre o agendamento, apesar de não atribuir aos meios de comunicação poderes extraordinários de manipulação ou de persuasão, nem de considerar que os integrantes do público seriam autômatos, defende existir sim uma capacidade de influência. “Mas a Teoria da Agenda atribui um papel central aos veículos noticiosos por serem capazes de definir itens para a agenda pública” (McCOMBS, 2009, p. 24).

A maioria dos estudantes aceita a tese de que os meios de comunicação conseguem estabelecer, em muitas situações, os temas sobre os quais o público irá conversar. Foram citados diversos exemplos de assuntos que se tornaram motivos de conversas em grupos variados, como na universidade, porque saiu na mídia. Avaliam que, na ausência da divulgação, dificilmente os temas seriam motivo de comentários naquelas rodas sociais. A Teoria do Agendamento se mostra identificada com o campo do jornalismo. “[...] A

agenda midiática dos estudos do agendamento é, de facto, a agenda dos mídia noticiosos” (TRAQUINA, 2001, p. 20). Ele observa que praticamente todos os respectivos estudos são baseados em análises de conteúdos jornalísticos.

O assunto que mais despertou interesse dos estudantes, tendo constituído o problema e o objeto da maioria dos artigos, se refere aos impactos da internet. Houve variações entre posições críticas às possibilidades da rede representar avanço do jornalismo e às inteiramente favoráveis, na certeza de que a internet provoca profundas mudanças no formato e no conteúdo jornalístico. A cautela dos primeiros se prende à pouca capacidade de investigação das matérias, demonstrada até agora. O otimismo dos outros se sustenta na maior liberdade de expressão e na interatividade proporcionada.

Encontramos expectativas altamente positivas também em diversos autores, sob o argumento de que a internet confere ao público um poder de comunicação e até força política. São citados os recentes movimentos populares na Líbia e no Egito, que teriam se organizado espontaneamente a partir da rede. “O micropoder dos cidadãos é mais difícil de controlar do que os grupos tradicionais de oposição. Graças à internet, cada cidadão é um editor em potencial, o que torna complicado vigiar o fluxo de informação” (CREMADES, 2009, p. 211). O amplo acesso às produções culturais é mais um argumento que se destaca. No entanto



são contestadas, por outra via, as possibilidades da aceleração da velocidade produzir notícias bem apuradas. “[...] essas contradições tendem a se agravar e a se ‘resolver’ pela necessidade de um dos termos do problema - a necessidade de veicular informações corretas e contextualizadas” (MORRETZSOHN, 2002, p. 128).

Um dos fundamentos do jornalismo é o de que ele contribui para formar uma opinião esclarecida, assunto debatido entre os acadêmicos e tese com a qual a maioria se identifica. Nessa linha, Victor Gentilli considera “o jornalismo atividade indispensável no mundo contemporâneo, como o instrumento que viabiliza o direito à informação” (2005, p. 142). Em contraposição, Wilson Gomes afirma que o discurso de autolegitimação do jornalismo está superado por não acompanhar as mudanças nas condições sociais. “Parecem vozes de outro tempo e de outro jornalismo: o elogio da opinião pública, a afirmação do jornalismo como a única mediação confiável entre a esfera cível e o Estado, a função do jornalismo adversário da esfera governamental, tudo isso se mantém no imaginário e no discurso por uma estranha e inquietante inércia discursiva” (GOMES, 2009, p. 76).

Nesse espaço, apontamos de forma rápida aspectos que a disciplina de Teorias do Jornalismo colocou em discussão, quer no processo direto de produção dos artigos, quer durante as exposições em sala e seus respectivos debates. São

pontos que se encontram entre aqueles que constituem o discurso jornalístico ou se aproximam deles. A experiência foi interessante e nos permitiu consolidar o entendimento de que a formação jornalística não se volta para o superficialismo, sendo necessário empreender todos os esforços no sentido de fomentar o senso crítico. Embora a atividade jornalística profissional não seja equivalente à pesquisa científica, a sua correspondente formação acadêmica tende a se caracterizar pela aplicação do pensamento complexo.

## **Considerações finais**

Os processos jornalísticos dos quais resultam as notícias são complexos. Envolvem apurações, linguagens, conhecimentos, técnicas, análises, valores éticos, estruturas, fontes, os públicos e, nisso tudo, as pessoas que, de forma individual ou em grupo, assumem posições conforme suas óticas e conjunto de interesses. Não podemos esquecer ainda que o jornalismo pertence à ampla área da comunicação, por quem é determinado em grande parte. “Nosso objetivo básico na comunicação é nos tornarmos agentes influentes, é influenciarmos outros, nosso ambiente físico e nós próprios, é nos tornar agentes determinantes e termos opção no andamento das coisas” (PERLO, 2003, p. 12). Podemos imaginar, então, de que material se constituem as mensagens que circulam cada vez em mais quantidade e velocidade.

Para Adair Peruzzolo (2006), estudar a comunicação como fenômeno humano é compreendê-la na sua dimensão de fenômeno cultural. Ele considera comunicação e cultura como parte do mesmo corpo, sendo um o sangue (a comunicação) e o outro o sistema arterial (a cultura). Já Francisco Rudiger observa que “as comunicações não devem ser confundidas pura e simplesmente com a comunicação, esse termo deve ser reservado à troca de mensagens entre os seres humanos, sejam quais forem os aparatos responsáveis por sua mediação” (1995, p. 15).

Os conceitos acima nos dão noção do quanto a formação num curso superior de jornalismo precisa ser cuidadosa naquilo que se propõe e realiza. O papel de mediador requer competências diversas, não apenas para a formulação da mensagem, mas para atribuir-lhe legitimidade, credibilidade e eficácia, sem falar nos sentidos emocionais de que os atos estão revestidos.

O jornalismo, ao tratar com a notícia, operacionaliza diversos mecanismos para fazer leituras da realidade e disponibilizar informações voltadas à sociabilidade. Por sua natureza, essas informações são de domínio público e afetam objetivamente o modo como determinados assuntos são percebidos. A postura ética e o compromisso com a busca da verdade passam a ser fundamentais, além da capacidade de compreender os diversos fatores que constituem um fato. A cobertura competente, resultado de co-

nhecimento, métodos adequados e ética, torna concreto o discurso jornalístico do esclarecimento, pelo qual o público se faz mais consciente de como a sociedade está se (re)organizando e das formas de participar dela. Se como afirma Bourdieu (1997), o campo jornalístico age, enquanto campo, sobre os outros campos, então a responsabilidade de quem produz os conteúdos jornalístico é ainda maior.

Nessas condições, deve ser total o seu empenho em escapar da superficialidade no processo de informar. “A maior parte dos meios de comunicação não leva em conta a complexidade do real. Acha-se na obrigação de fazer depressa e de entreter, logo de simplificar” (BERTRAND, 1999, p. 125). Também os acusa de oferecer imagens incompletas e deformadas da realidade, que podem gerar sentimentos e comportamentos lamentáveis. Mediante essas críticas e as permanentes suspeitas de que não adotarão posturas corretas, as mídias noticiosas, e seus jornalistas, atuam sob enorme pressão e precisam dar respostas.

Acrescentamos nessa fase final uma noção do pensamento complexo, de Edgar Morin, por entender que contribui para a argumentação que se procurou construir nesse artigo. O autor assinala que o paradigma complexo resultará do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões que vão se acordar, se reunir:

Junte a causa e o efeito, e o efeito voltar-se-á sobre a causa, por retroação, e o produto será também pro-

dutor. Você vai distinguir estas noções e juntá-las ao mesmo tempo. Você vai juntar o Uno e o Múltiplo, você vai uni-los, mas o Uno não se dissolverá no Múltiplo e o Múltiplo fará ainda assim parte do Uno. O princípio da complexidade, de todo modo, se fundará sobre a predominância da conjunção complexa. Mas, ainda aí, creio profundamente que se trata de uma tarefa cultural, histórica, profunda e múltipla. Pode-se ser o São João Batista do paradigma complexo e anunciar sua vinda sem se ser o Messias (MORIN, 2007, p. 77).

A formação jornalística numa perspectiva complexa não apenas irá dominar os conhecimentos lógicos, que se referem às organizações, às estruturas e aos ordenamentos, indispensáveis no mundo concreto tal qual foi construído, resultante de uma cultura correspondente, mas fará um movimento de abertura para novas compreensões. Essas podem implicar em partes que se relacionam de forma circular, em que uma é causa da outra, e trazem embutidas determinadas soluções. As coberturas jornalísticas, nesse pensamento, serão misto de averiguação e sensibilidade perceptiva, no esforço de explicar um mundo em profundas transformações, onde a ciência tradicional também parece estar chegando aos seus limites.

Mas poderia se perguntar, o que tem a ver tais argumentações com a discussão a respeito da disciplina de Teorias do Jornalismo como espaço de teorização inicial, proposta do presente artigo. É a de simplesmente chamar a atenção para o fato de que o jornalismo tem mesmo uma

constituição singular, imprópria aos comportamentos ingênuo, acrítico, apolítico, acultural, antieconômico, ou seja, de quem não compreende questões significativas para a sociabilidade humana e não se importa com isso. O jornalismo simplista e superficial, recaído facilmente no sensacionalismo, no espetáculo e no entretenimento, desmancha no ar o conceito do próprio jornalismo.

Na experiência da produção de artigos em Teorias do Jornalismo, procurou-se na linha de Paulo Freire, relacionar teorias do campo com o mundo objetivo dos meios de comunicação locais/regionais. O método e a sensibilidade para se perceber nesses objetos abstrações ali contidas representam um exercício de transformar o modo de pensar. Freire nos fala da simplicidade, querendo dizer que pequenos gestos podem gerar resultados muito além do esperado. O processo vivido pelos acadêmicos trouxe resultados satisfatórios. Problematizaram a teoria e o objeto empírico. Exercitaram a pergunta e a resposta. A atitude da maioria deles de se deparar com o desafio, é como fragmento que, contendo a singularidade, tem nela a particularidade, e em ambas a universalidade. Conferem-lhe elementos para, uma vez formados, estabelecerem relação mais propositiva e inovadora com os meios de comunicação. A formação no ensino superior deve manter e/ou retomar a utopia jornalística de contribuir para um ambiente social favorável à consciência, à liberdade e à solidariedade dos indivíduos.



Todas as limitações e contradições existentes, em nosso entendimento, não são suficientes para impedir tal busca.

A cultura da tecnologia, como nos referimos no início do texto, permite cogitar de um jornalismo sem jornalistas, porque os indivíduos midiáticos trocariam informações diretas entre si, livres de mediações. No encontro de realidades virtuais e reais, o jornalismo se insere num ambiente inteiramente diferente, onde sua presença se faz necessária para fazer a mediação da mediação. Os propósitos de trabalhar em favor da cidadania, do direito à informação, crescem em complexidade e revalorizam imensamente a qualidade do ato simples de perguntar para se obter as mais significativas e diferentes respostas. O ensino de jornalismo, preocupado com efetivas teorizações iniciais, incorpora o sentido da complexidade como orientador da formação.

## Referências

BERGUER, Peter; LCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**: Introdução à Teoria e à Prática. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria

- Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru-SP: EDUSC, 1999.
- CORNU, Daniel. **Ética da informação**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru-SP: EDUSC, 1998.
- CREMADES, Javier. **Micropoder: a força do cidadão na era digital**. Tradução de Edgar Charles. São Paulo: Editora Senac, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GENTILLI, Victor. **Democracia de Massas: jornalismo e cidadania: estudos sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 1. Florianópolis-SC: Insular, 2009.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera

Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001.

HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva (Orgs.). **Jornalismo no século XXI: a cidadania.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

McLUAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1993.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio.** São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí-RS: EdUnijuí, 2002.

MARTINO, Luiz C. (Org.); BERGER, Charles R; CRAIG, Robert T. **Teorias da Comunicação: Muitas ou poucas?** Coitia-SP: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis: Vozes, 2009.

McCOMBS Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública.** Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

\_\_\_\_\_. **Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação.** Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr/jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”: O fetiche da velocidade.** Rio de Janeiro: Revan, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.

\_\_\_\_\_. **A notícia como clinamen: o jornalismo na perspectiva de um novo senso comum.** In: COMPÓS, GT ESTUDOS DE JORNALISMO, XII., Recife, 2003. Disponível em: <http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=22&mmenu=6&gm=int&gti=arqul&ordem=3&grupo1=9D&grupo2=&encontro=&tag=&ano=&mes=&pchave=&git=11&pg=9>  
MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução de Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX: neurose.** Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções.** 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis: Vozes, 2006.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A comunicação como encontro.** Bauru-SP: Edusc, 2006.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico.** Florianópolis-SC: Insular, 2005.

RÜDIGER, Francisco R.. **Comunicação e Teoria Social Moderna: Introdução aos Fundamentos Conceituais da Publicística.** Porto Alegre-RS: Fênix, 1995.

\_\_\_\_\_. **Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo.** Porto

Alegre: Sulina, 2. ed., 2007.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Palo: Loyola, 1994.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos; Florianópolis-SC: Letras Contemporâneas, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: análise e textos da Teoria do Agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

\_\_\_\_\_. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2001.